



Eliomar de Lima
Jornalista

Ontologia da construção de si: das possibilidades do ser e das múltiplas formas do existir

Poderiam dizer: é humorista. Ele poderia ter sido: padre. Ele ainda pode ser: cantor. Ele se proclama: homem de família. Encontra tempo para ser: contador de histórias. Mas todos conhecem, basicamente, um Eliomar Martins de Lima: o jornalista, da coluna Vertical no jornal O Povo, do blog, dos flashes informativos. Dá tempo ser mais? É sempre possível ser vários; pode-se, também, ser um. Eliomar consegue ser todos de forma uma, pois há que se imbricar na constituição do eu a multiplicidade que dá vazão às potências da vida.

A questão vai além da mera polivalência: não se trata apenas de ocupar várias funções e adequar-se, difusamente, a diferentes contextos. Eliomar, jornalista-ator, envolve-se na experiência mesma de cada personagem, e deixar guardado no bolso um desses papéis não é uma opção. A religião não se separa da política, a atividade profissional não se distancia do lar, o humor integra a própria abordagem dos entrevistados. Em cada apresentação, estratégias encontram-se entrelaçadas, uma faceta aparece mais, outra menos: para compor Eliomar, é preciso ir a fundo, articular os ditos e os não-ditos, o dar a ver e o ocultar, as palavras proferidas com orgulho e os fonemas murmurados.

Nesse jogo, a memória participa como gesto de subjetivação. Há uma disputa de sentido quando se fala do passado, uma dinâmica constituição de si que busca afirmar posturas no presente. É preciso encontrar o Eliomar que fala da experiência durante a ditadura militar, rememora atos e não-atos, explica-se e relativiza momentos da vida. Cronologicamente, o passado permanece insondável. Subjetivamente, ele está vivo, pois as temporalidades e os eventos estão em devir numa fabulação constante. Pode-se dizer que Eliomar é político – entenda-se

isso no sentido mais amplo que a palavra pode implicar: a vida dos sujeitos reveste-se do ato político pela relação estabelecida com a experiência do mundo e pela forma de articular o dentro e o fora, o foi e o poderia ter sido.

Eliomar tem desejos, tem conceitos previamente formatados, tem inquietações nascidas do íntimo contato entre os valores pessoais e os fenômenos que vivencia. Ele apropria-se do mundo, transforma a matéria do real em um universo próprio. Na lida com a informação, não se pode escapar da construção de um olhar, da formulação de questões e da ação diante do que se sente. Eliomar é estilo: mais que uma vaidade, buscar uma marca é gesto de assumir a inevitabilidade da presença subjetiva na tensão com o cotidiano. Os termos do jornalista que se recusa a discutir ética poderiam ser postos em nova chave: a ética de Eliomar está na própria constituição de um estilo e nas margens de manobra que busca na empresa em que atua.

Se, efetivamente, é possível falar em uma ética profissional, é ainda mais central considerar uma ética da vida. Eliomar adota princípios norteadores que extrapolam a prática jornalística e dizem respeito à construção da vida em comunidade. Ter a dimensão de um mundo em processo e abrir-se à experiência cotidiana como aprendizado são valores que dão sentido às ações concretas de uma ética humana. Eliomar é um homem crente, que acredita nas potencialidades da existência. E o sonho é um motor dessa crença, pois “ninguém nunca pode deixar de sonhar”. É sonhando que se pode ir a outros lugares – não para fugir, mas para crer em experiências outras. Deixemos Eliomar nos levar a Sapolândia. Será possível dizer bem: é um sonhador!

Equipe de Produção:

João Carlos Bento
Tatiane Jovino

Texto de abertura:

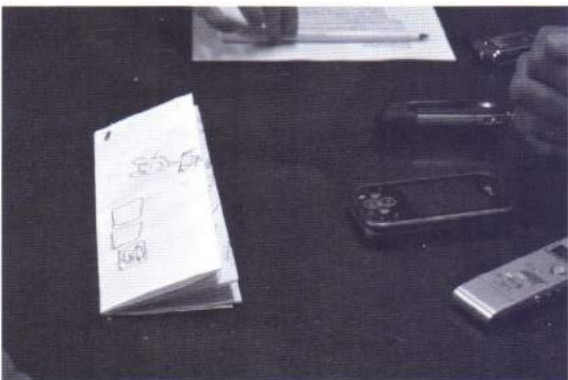
Érico Araújo Lima

Participação:

Allan de Lima
Caio Mota
Cleisyane Quintino
Érico Araújo Lima
João Carlos Bento
Natália Maia
Paulo Araújo
Renata de Lima
Tatiane Jovino
Thais Jorge

Fotografia:

Isabel Paz
Luciela Limaverde



Entrevista com Eliomar Martins de Lima, 14 de Outubro de 2010

João – Eliomar, uma das coisas que nós percebemos nas pré-entrevistas que fizemos contigo, com teus familiares e com teus amigos, e é uma característica que eles apontaram, é que tu és um homem muito dedicado à família. Isso surpreendeu todo mundo porque todos tinham essa visão do jornalista mais agitado, do jornalista mais brincalhão. Esse teu vínculo forte com a família é uma coisa recente ou isso é desde criança mesmo?

Eliomar – Isso já vem da origem dos meus pais. Meu pai (é) muito família, oito filhos, né? Éramos dez, ficaram oito, porque não conta os que foram embora. Oito filhos e o papai sempre criou a gente... A mamãe é como se fosse aquela galinha carijó, pra cuidar dos filhos. Aquela família bem tradicional: o pai é o provedor, tem de garantir tudo para os filhos; e a mãe é acolhedora, aquela que protege, que tem de cuidar da educação dos filhos. Então a gente foi herdando esse tipo de característica também. Eu sou muito família, só que a gente, claro, vai evoluindo com o tempo e hoje eu percebo, com meus filhos, já uma diferença muito grande. Por exemplo, antigamente eu não passaria (*ênfatisa*) jamais entre duas pessoas conversando. (*Fala com um leve riso nos lábios*) Hoje meu filho faz é se meter na conversa e atrapalhar.

Caio – Sua educação era bem rígida?

Eliomar – Não, não era tão rígida, não. Era, digamos assim, tradicionalista. No sentido de que os filhos tinham de estudar, tinham de cumprir as tarefas em casa e era tudo dividido em casa. As filhas cuidavam da parte de ajudar minha mãe, na cozinha e tudo, e nós (*os filhos homens*) ajudávamos papai no comércio dele. Estudávamos, ajudávamos no comércio e tínhamos a parte de lazer pra brincar também com os colegas lá fora. Era uma coisa bem interessante, tradicional mesmo, sabe? Jamais papai nos dava uma surra, mas a mamãe cuidava disso (*sorri*). Ele só entraria na última hora. A última surra que eu levei foi aos 12 anos, pra você ter uma ideia.

João – E por que foi?

Eliomar – Por causa do meu irmão mais velho (*Francisco*). Papai tinha um comércio e também nessa época ele começou a construir casas – chegou a ter 22 – lá na Parquelândia (*bairro histórico de Fortaleza, que surgiu em torno da paróquia de Santo Afonso, entre as décadas de 1940 e 1950. Era conhecido por Co-*

queirinho, em virtude da vegetação predominante à época), no Coqueirinho (*corrige-se*). E a gente ajudava também. A última surra foi que ele estava construindo uma casa, uma parede, eu ajudando a carregar cimento, perguntei se estava bom, meu irmão: “Não, pode ir embora. Tá tudo certo”. Fui pra casa, papai: “O que você tá fazendo em casa? Não era pra você tá carregando cimento?” Aí, Bufo! (*Risos*).

Mas, fora isso, ele era maravilhoso. É maravilhoso, meu pai! Meu pai é espetacular... Eu acho que herdei de meu pai esse sentimento muito de família, de respeito às pessoas, aos mais velhos, às crianças. Ele sempre dizia, como eu disse a vocês agora, quando tiver um adulto falando, você fique calado. Quando tiver pessoa conversando, você não passe perto. Reze a Deus quando passar perto de uma igreja... São pequenos detalhes que a gente pensa que não influenciam, mas influenciam. As pessoas hoje em dia já não têm esse tipo de educação doméstica, essa educação de valorizar as pequenas coisas. Valorizam muita coisa grande. Pra você ter uma ideia, o primeiro brinquedo que eu tive foi aos oito anos de idade: um carrinho de plástico. Oito anos de idade. Não tinha esse negócio de festa de Dia das Crianças, não tinha. Papai dizia que não dava porque eram oito filhos: “E o que é que eu vou fazer?” Oito filhos pra comprar presente pra oito? Não. Que é que ele fazia: uma vez no ano a gente tinha um sapato, uma vez no ano a gente tinha uma roupa pra ir à missa – inaugurava na missa, era tradicional. Ganhava o sapato ou ganhava a roupa, inaugurava na missa de domingo (*risos*). O maior passeio da gente era visitar os nossos tios na Itaoca (*bairro periférico de Fortaleza*). Saía de lá de táxi! Era “os chique”! (*Risos*).

Paulo – Eliomar, você falou que trabalhava no comércio do pai, que tem um bar lá na Parquelândia já há cinquenta e sete anos. Como esse trabalho no bar durante sua infância influenciou na sua educação formal e informal?

Eliomar – O meu pai tinha tipo um armazém. Só virou bar depois de 1970, 1975, por aí. Virou um bar mesmo pra vender bebida. E nessa época, a gente já estava crescendo, já estava adolescente, aí sim a gente ajudava no bar. E mesmo na época em que eu fazia faculdade aqui (*no curso de Comunicação Social da UFC*), eu tinha um horário em que eu ficava no bar, ficava à noite. Na (*Rádio*) Uirapuru eu tra-

No primeiro contato com Eliomar de Lima, por telefone, a equipe foi atendida com um curioso “Deus te abençoe”. O fato se repetiu nos demais contatos e virou ponto certo na pauta da entrevista.

A primeira pré-entrevista foi realizada no dia 14 de setembro de 2010, com o próprio Eliomar, que naquele dia comemorava quatro anos de blog. A entrevista teve de ser interrompida três vezes por conta das notícias que não paravam de chegar.

Na pré-entrevista, Eliomar foi simpático e receptivo, mas não ia muito longe ao falar sobre a vida pessoal. A equipe de produção decidiu, então, conversar com a esposa, os pais e um amigo de Eliomar.

balhava de manhã, à tarde vinha pra faculdade e, enquanto eu não passei na Uece (*Universidade Estadual do Ceará*), eu ia pro bar à noite, ficar lá. Eu estudava no fim de semana e no fim de semana ajudava também. Sempre encontrava horário pra conciliar as coisas.

Allan – Mas você gostava de trabalhar no bar, Eliomar?

Eliomar – Rapaz, eu achava interessante, mas era cansativo. Ave Maria! É cansativo, viu? Você aguentar muito freguês chato, bêbado... Mas tem uma vantagem, que eu gostava de acompanhar as notícias, as informações, pegava os jornais que apareciam pra ler e tinha fregueses legais que conversavam com a gente sobre política. Já tinha interesse nesse aspecto, assistia o noticiário, gostava de política e já tinha os fregueses certos que iam tomar uma cerveja e eu ganhava uma gorjetinha pra conversar sobre política.

Cleisyane – Eliomar, seu pai, o Hélio, era dono de um bar e delegado, e sua mãe era dona de casa. São atividades que ficam um pouco distantes do mundo das letras. Você disse, na pré-entrevista, que gostava muito de escrever, tem até as histórias de Sapolândia. Eu queria saber quem influenciou a escrever e o que isso representou na sua infância.

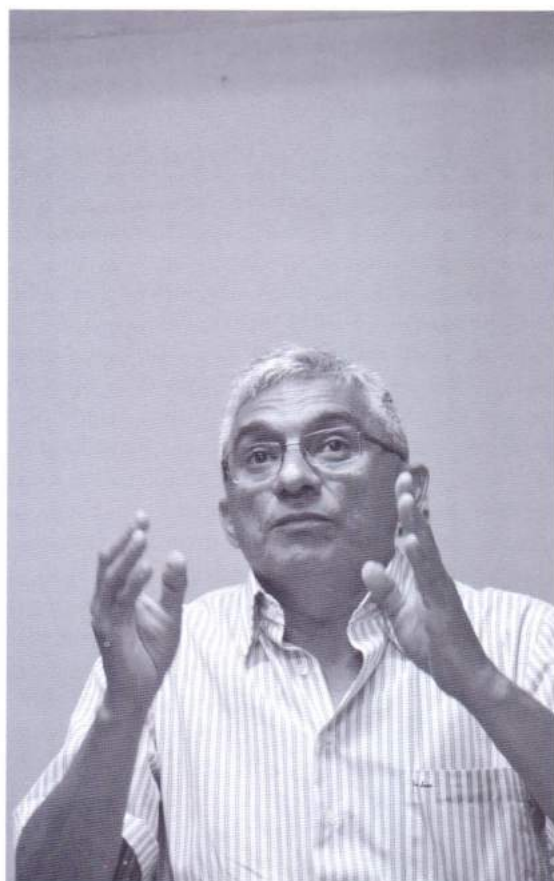
Eliomar – Como eu estudava, já tinha alguns professores que me influenciavam. Tinha a professora Vilminha, que era no primário. Ela sempre arranjava livros pra gente, emprestava livros pra gente ler... Eu gostava. Tinha um colega meu que foi meu colega do primário até a sétima série e depois a gente se reencontrou na faculdade de Letras na Uece. E a gente trocava livros, sabe? Os colegas trocando livros... E nessa época, eu gostava de escrever, fazia os meus Sapolândia.

Paulo – E o que eram essas histórias de Sapolândia?

Eliomar – Eu fazia histórias infantis e fazia desenhos em quadrinhos... A história (*era*) de futebol. Adorava fazer futebol. Fazia, por exemplo, *Sapolândia contra Patolândia*. Eu desenha-

“Meu pai é espetacular... Eu acho que herdei de meu pai esse sentimento muito de família, de respeito às pessoas, aos mais velhos, às crianças”.

As entrevistas foram realizadas numa ensolarada manhã de sábado, na Parquelândia. Por sorte, todos os entrevistados moravam próximos e estavam disponíveis para conversar com os produtores naquele dia.



va toda a história e ainda pintava, tirava cópias (*risos*). Quem quisesse, (*pagava*) 20 centavos, 10 centavos. Aquela historinha: “Me dá 10 centavos pra comprar o picolé!”.

Caio – Por que um sapo, Eliomar?

Eliomar – O que seria talvez um trauma de infância, se transformou numa coisa boa pra mim. No primeiro dia em que fui pra escola Santo Afonso, grupo escolar, eu errei a sala. Quando eu entrei, que abri a porta: “É aqui que é o primeiro ano fraco, é?” Um colega sem vergonha se virou e disse: “Vixe, professora! Olha esse bicho feio! Parece um sapo!” (*risos da turma*). A partir daí, eu fiquei marcado até quarta, quinta série de ser o sapo. E eu ficava com raiva! Pronto, eu dei corda porque fiquei com raiva. Nesse aspecto ficou marcado a vida toda. Só que nesse período todo eu fui amadurecendo, não sei o que é que houve que eu peguei o sapo e transformei em história, personagenzinho de história. E onde eu chegava, eu botava, desenhava um sapinho. Fazia assim – bem rapidinho, ó (*desenha Sapolândia no papel*). Onde eu chegava, desenhava o sapinho, na escola. Acabou o pessoal gostando, acostumando, fiz histórias do sapo... Pronto. Tá aqui (*mostra o desenho aos entrevistadores*). Até hoje é esse sapo aqui (*risos*).

Renata – Eliomar, além de escrever as histórias, você gostava de desenhar e de cantar e de pintar, né?

Eliomar – Gostava. Eu era, como diria na época da escola, muito apresentado! Criança

quando era muito gaiata, a gente chamava de apresentado, na escola. E eu era.

Renata – Você tinha essa tendência pra arte, então. Você nunca pensou em levar isso à frente?

Eliomar – Pensei várias vezes. É tanto que quando eu entrei na comunicação, no rádio, eu achava que poderia virar cantor também. Cantor... Seria radio-ator. Achava bonito ver as radionovelas, sabe? Eu tinha umas gravações de radionovelas que estão em casa, guardadas. Eu gostava de ouvir. E eu fazia também em casa, fazia radionovelas. Até na faculdade, quando eu vim estudar aqui, eu inventava de fazer radionovela com os colegas daqui. Eu andava todo dia com um gravador. Vinha pra faculdade com uma roupa do Flamengo, uma calça normal e um gravador deste tamanho (*faz um gesto com as mãos mensurando o tamanho do equipamento*) que eu tinha ganho de meu pai. Quando eu passei no vestibular, meu pai me deu um gravador grandão. E eu trazia pra faculdade. Aproveitava na hora do intervalo de aula, a gente fazia radionovela, cantava pro pessoal. Era engraçado. Tinha uma turma boa...

Renata – E profissionalmente?

Eliomar – Profissionalmente, eu ainda tenho a frustração. Até hoje eu ainda me sinto mais ator do que jornalista... Nunca quis levar à frente também não. Isso eu não nego a ninguém, não. Eu digo: "Ó, sou jornalista, mas eu tenho uma certa veiazinha pra comediante". Eu gosto disso aí. Porque eu acho que o jornalista às vezes ele também tem de ser ator, até pra escapar de uma fonte péssima, pra escapar de uma entrevista horrorosa, pra driblar uma situação em que você se envolve... Eu acho que tem desse componente também.

Caio – Eliomar, sua mãe disse pra gente que você não gostava de brincar na rua, ficava em casa estudando e pintando quadros. Esse é um comportamento que é diferente em crianças. Você não se sentia muito distante das outras crianças, não?

Eliomar – Não, porque eu sonhava muito. Nesses inventos que eu fazia, ainda tinha o laboratório espacial (*risos da turma*). No fundo do quintal lá de casa, eu criei um laboratório espacial. Juntava tampa, juntava lata, fazia tudo, fazia um laboratório. Eu me imaginava viajando para Marte, descobrindo planeta, sabe?

Érico – E teus irmãos brincavam contigo também?

Eliomar – Não, não. Raramente. Meu irmão jogava futebol melhor do que eu e então eu não me metia pra jogar, porque eu não sabia! Às vezes eu ficava jogando, eles vinham me dizer que eu atrapalhava, então eu saía, não ia jogar. Dessa história de sair e não jogar, eu comecei a aprender a narrar jogo de futebol: "Ah,

é? Não jogo, não? Mas vou narrar!" Começava a imitar o Gomes Farias (*Raimundo Gomes Farias. Radialista e ex-deputado estadual cearense*) e nessa história de imitar foi dando certo, eu fui pegando o jeito. Quando eu estava com 12 anos, o pessoal começou a me levar pro subúrbio, pra eu narrar futebol. Eu levava meu rádio grande e um outro rádio que eu tinha e ia narrar futebol na periferia, pro time do Paulistano (*time do subúrbio de Fortaleza*). A rural (*modelo de carro semelhante a uma caminhonete*) chegava seis horas da manhã lá em casa, dia de domingo, pra levar a gente pra narrar o jogo. Era uma atração: chegava numa periferia dessas, a rural buzinando, abria a traseira e a gente ficava lá e começava a narrar. E o juiz: "Esse caba é doido, né?" No início era só na voz mesmo, depois arranjaram uma caixa de som... Menino, era bom! Era eu narrando e cheio de gente aqui (*ao redor dele*)!

Caio – Foi daí que veio sua paixão pelo rádio?

Eliomar – Não... A paixão era de antes. Muito antes. Adolescente mesmo.

Renata – Mas pelo esporte foi, né?

Eliomar – É, eu tinha uma paixão pelo esporte.

Cleisyane – Eliomar, você disse que seu pai contribuiu muito na educação doméstica. Sua mãe eu acho que foi mais na educação religiosa. Queria que você falasse mais sobre esse contato com a religião, com a igreja...

Eliomar – (*Interrompe*)... Não era nem minha mãe, não. Foi uma vizinha. Foi Isabel, uma vizinha que a gente tinha. Ela era muito de igreja e sempre me levava pra ir à missa. Eu ia com a família, mas de vez em quando ia à missa com ela. E ela quem incentivava: "Você pode ser padre, você pode ser padre" e ficava com essa história.

Allan – Mas você tinha vontade de ser padre?

Eliomar – Teve uma época que eu tive vontade de ser padre. Cheguei até a frequentar o preparatório, que era no Centro Pastoral, no Seminário da Prainha. Mas você vai vendo



Os pais de Eliomar, seu Hélio e dona Nadir, se conheceram na Igreja, assim como Eliomar e a esposa, Socorro França, que se conheceram num grupo de leitura da Igreja Redonda.

"Eliomar de Lima vai casar com Socorro França", dizia uma coluna social. Algumas pessoas pensaram que se tratava da Procuradora Geral de Justiça do Ceará. Dias depois, Eliomar recebe um telefonema: os presentes estavam chegando na casa da Procuradora.

Dona Nadir contou que Eliomar vai para o bar Besouro Verde e, muitas vezes, dorme nas cadeiras do bar. Já perdeu vários celulares por causa disso.

com o tempo, depois, você vai avaliando... Ainda fiquei um ano lá, frequentando... A gente vai amadurecendo, vai vendo o que é aquilo que a gente quer. Aí, desisti.

João – Você já contou sobre um apelido que tinha, Sapolândia, mas um outro apelido que você tem é Gaijin (*do japonês, a palavra significa estrangeiro*). E quem deu esse apelido foi o Jeronimo (*amigo pessoal de Eliomar*). Como é a história da amizade de vocês? Como vocês se conheceram?

Eliomar – Lá na própria igreja (*Igreja Redonda, na Parquelândia, sede da paróquia de Santo Afonso*) mesmo. O padre anunciava na missa que tinha um grupo de jovens, quem quiser se engajar... E eu me engajei. Foi na própria igreja mesmo. Fiquei oito anos no grupo de jovens. Era o Juventude Organizada da Parquelândia (*JOPA*). Naquele período ali a gente conheceu creche, conheceu presídio, conheceu asilo de velho...

Entre os colegas meus tinha a (*ex-*) deputada Tânia Gurgel. Ela cuidava da área social do nosso grupo. Eu era da área de comunicação, ainda tinha nosso programa interno de rádio, que eu fazia uma radiadora interna... Pra você ter uma idéia, todos que participaram acabaram nisso (*na atividade que realizavam*). O Jeronimo cuidava das contas e hoje é contador. Foi interessante a experiência. A gente acabou no grupo de jovens tentando procurar preencher a vocação da vida da gente.

Érico – Eliomar, essa sua formação em grupos de jovens, já na adolescência mesmo, qual a importância disso pra sua formação humana?

Eliomar – Eu acho fundamental, porque o jovem, quando está sozinho, ele vai pra ociosidade e faz besteira. Por isso eu acho importante que a gente na adolescência tem de procurar o que fazer. Tem de procurar o esporte, procurar a arte, cultura, se engajar em alguma coisa, porque é preciso, é fundamental isso. Através desse engajamento, a gente evolui e a gente procura a vocação da gente também, sabe?

João – Esse trabalho desenvolvido com o padre William B. Kenney (*padre irlandês que estava à frente da paróquia de Santo Afonso à época*) era dentro da linha da Teologia da Libertação (*corrente teológica que prega o uso da fé cristã de forma reflexiva como forma de reverter a pobreza e a exclusão social*), de ação social mesmo. Você acha que isso repercutiu na sua visão e no seu interesse por política hoje?

Eliomar – Eu acho que repercutiu e influenciou também. Os redentoristas, no Brasil, eram muito progressistas, eram eles que faziam a catequese. Acho que isso influenciou também... Eram europeus, com outra visão, de que é preciso questionar o ambiente. Havia momentos,

“Eu era, como diria na época da escola, muito apresentado! Criança quando era muito gaiata, a gente chamava de apresentado, na escola. E eu era”.

na época em que o padre Willian B. Kenney fazia a homilia (*sermão realizado após a leitura do Evangelho*), que tinha gente da Polícia Federal na igreja. 1970... 70 e pouco, 80 e pouco, por aí...

Tatiane – E o que houve com o JOPA?

Eliomar – O JOPA foi extinto aos poucos quando houve uma certa confusão no grupo, de alguns membros que foram pra Renovação Carismática Católica (*movimento católico que surgiu na década de 1960 e prega uma doutrina baseada na experiência pessoal com Deus através dos dons do Espírito Santo*) e a gente não aceitava. Nossa ala não aceitava porque achava que era alienação, e eles achavam que (*o Jopa*) era alienação porque a gente só pregava o mundo e não pregava a importância da salvação do espírito. Aí houve um conflito de ideias e, nessa história, eles levaram metade do grupo em que estávamos.

Caio – Eliomar, você falou que tinha vontade de ser padre, mas não ficou claro por que você desistiu.

Eliomar – É porque eu me apaixonei! (*Risos da turma*) Conheci uma amiga jovem, maravilhosa e me apaixonei. Acho que não estava tão fixo, né? Então, pronto. Foi isso mesmo.

Caio – Quem foi essa jovem?

Eliomar – Não, faz tanto tempo que eu nem sei mais... Deixa eu ver... (*Eliomar tenta recordar-se*) Nem me lembro mais, acredita?

Caio – Mas como foi essa paixão? Surgiu do nada?

Eliomar – Acho que adolescente, né? Você sendo educado muito caseiro, muito pra questão de Igreja... E você descobre uma jovem, se apaixona, primeiro beijo... Então, você descobre.

João – E essa paixão deu certo?

Eliomar – Não, não. Foi coisa rápida.

Tatiane – Mas essa vontade de ser padre durou até a faculdade.

Eliomar – Foi, foi. Até a faculdade. Se hoje pudesse casar, eu acho que seria padre tam-

Muitos da família de Eliomar moram próximo a ele. Os filhos, os irmãos e o pai de Eliomar cortam o cabelo no mesmo salão. Quando a produção chegou à casa do entrevistado, todos os homens haviam saído para cortar o cabelo.

bém, um padre casado (risos)!

Cleisyane – Sua esposa também você conheceu na Igreja, né?

Eliomar – Conheci na Igreja. Ela era do grupo de igreja também. Conheci lá. Maravilhosa, por sinal... Nós nos conhecemos ao contrário: ela tinha raiva de mim e eu tinha raiva dela. Ela me achava muito apresentado, como diria, e eu achava ela muito trancada.

Cleisyane – E como é que...

Eliomar – (Interrompe)... Um colega meu inventou de fazer um bingo, um leilão e juntou a gente. (Eu dizia:) “Ah, meu Deus! Essa chata do lado aqui pra fazer leilão?” Ela: “Ô, minha Nossa Senhora! Esse sujeito aqui!” A gente foi começando a conversar, conversar, conversar e uma outra colega nossa nos levou para tomar um sorvete. Nesse tal de sorvete eu me aproximei mais dela, vendo que não era a chata que eu pensava e ela vendo que eu não era o apresentado. Foi a partir disso. Você vai conhecendo a pessoa. Às vezes você faz uma primeira impressão e se afasta e não quer conhecer. Pois era esse o caso: ela ficava num canto ali e eu ficava em outro aqui... Aproximou e deu certo.

João – Mas como foi que começou o namoro de vocês dois?

Eliomar – Depois desse leilão, fomos com uma colega para uma sorveteria e da sorveteria eu marquei com ela um encontro, se ela não podia conversar comigo. Eu sou tão enxerido, que no primeiro dia eu já quis dar um beijo na mulher, acredita? Ela tacou o portão na minha cara! (Risos da turma) Fui deixá-la depois do sorvete – deixei a colega e fui deixar ela por último de propósito. “Pois tchau”,

“tchau” (Eliomar simula a aproximação que antecedeu a tentativa frustrada de beijo) e ela Tum! O portão! (Risos da turma) Você vê que tem um desafio, né? “Ah, é! Você vai ver como é que é! Você vai me dar um beijo ou não vai?” Pronto. Começamos. Levava pro cinema, nessa época tinha muito humor, festival de humor, adorava ir pros festivais de humor aqui.

João – Vocês decidiram casar logo ou não?

Eliomar – Não, foram quatro anos de namoro entre idas e vindas. Eu a deixei quatro vezes nesse período. Namorava com ela, depois deixava. Sumia e arranjava outra namorada, depois voltava. Na última vez que eu a deixei, quando eu fui voltar eu encontrei alguém no meu lugar (risos). Comecei a ficar preocupado. Tive de reconquistá-la e ela disse: “Ah, é, você quer uma coisa séria? Então agora vai casar!”

Caio – E essa reconquista foi custosa?

Eliomar – Ela fazia faculdade e eu ficava marcando os horários que ela passava, que ela ia para a faculdade. Por acaso eu passava no meu fusquinha: “Oi, quer uma carona?” (Risos da turma).

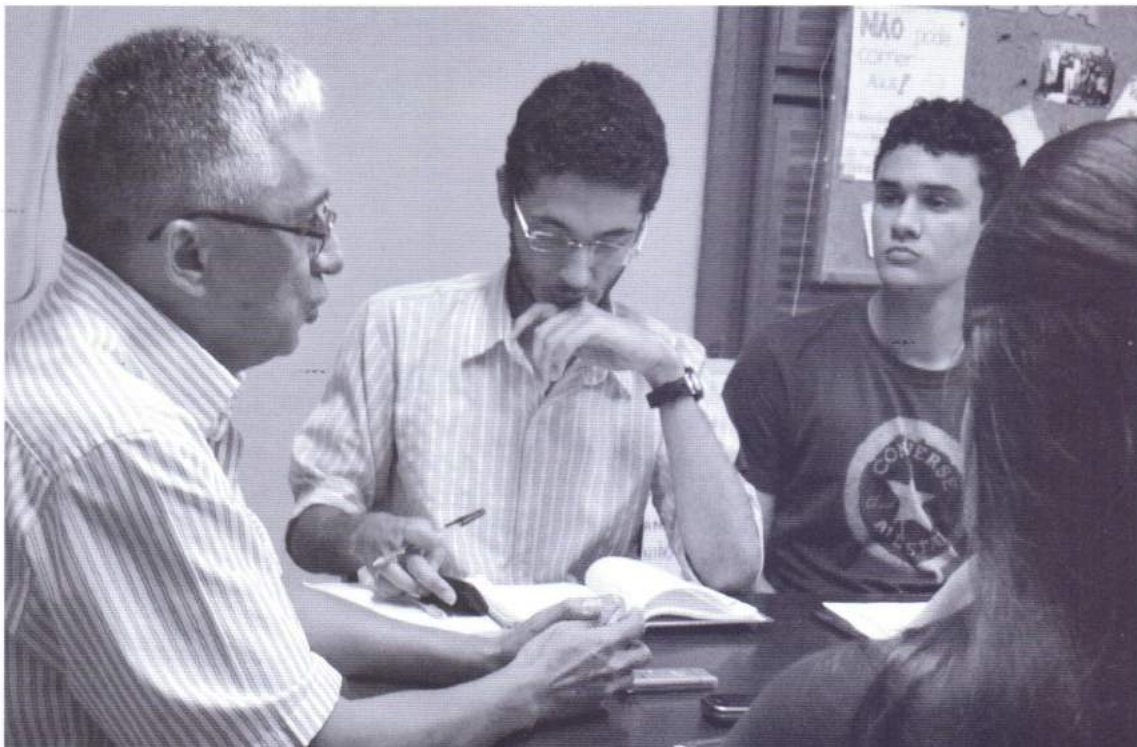
Tháís – Você falou que namorou por quatro anos entre idas e vindas. Sobre isso, na pré-entrevista, a Socorro falou que você era muito rebelde. Que rebeldia era essa?

Eliomar – Era isso, porque eu sumia. Estava namorando, no outro dia sumia e arranjava outra.

Tháís – Mas por quê?

Eliomar – Porque eu tinha medo, porque eu achava que ia acabar casando com ela. Eu tinha medo de casar, não queria casar não. Queria minha liberdade, só namorar – ficar, como

Eliomar chegou a remarcar a entrevista uma vez, do dia 5 para o dia 14 de outubro, porque estaria muito ocupado com a cobertura das eleições.



Vários alunos do curso demonstraram interesse e curiosidade pela entrevista. As mais empolgadas da equipe eram, sem dúvida, Tháís e Cleisyane, que sempre tinham alguma novidade ou recado de Eliomar para a produção.

A entrevista definitiva aconteceu na sala da Liga Experimental de Comunicação, por indicação de João, que participa do projeto desde o primeiro semestre. Ele só não sabia que teria de passar a noite anterior limpando a sala com uma amiga do projeto.



“Nós nos conhecemos ao contrário: ela tinha raiva de mim e eu tinha raiva dela. Ela me achava muito apresentado, como diria, e eu achava ela muito trancada”.

No dia da entrevista, instigados pela vida profissional do jornalista, poucos dos entrevistadores tinham elaborado perguntas sobre a vida pessoal. O desespero foi geral. Faltava apenas uma hora para a entrevista começar.

diz –, e ela não... Eu me apegava a ela e tinha medo de me apegar e casar mesmo. Acabei casando com ela. Eu deixava, arranjava outra, depois não dava certo, voltava pra ela. Na última vez, ela arranhou um namorado. Foi aí que eu realmente decidi... Tinha de decidir...

Tatiane – Mas Eliomar, essa sua postura de não querer casar, não condiz com sua visão religiosa.

Eliomar – É, exato. Não condiz, mas eu... Não sei o porquê. Eu acho que talvez é porque, no fundo, eu ainda queria ser padre (*risos da turma*).

Natália – Eliomar, você tem dois filhos: o Vitor e o Vinícius. E quando o Vinícius nasceu, ele teve uma doença...

Eliomar – (*Interrompe*)... Aos cinco anos foi que apareceu. Ele levou uma queda, brincando com a prima dele, começou a “puxar” a perna e ninguém sabia o que era. Levamos para o ortopedista, ele não detectou nenhum problema, nada. E fomos tratando com o ortopedista. Depois mudamos de ortopedista pra outro e ele detectou que tinha um problema na membrana aqui dentro dessa parte (*demonstra*) do cóccix... Fomos mudando de médico. Arranjamos um médico muito bom, mas quando ele estava tratando dele, a mulher (*do médico*) morreu de câncer. Deu uma “pilora” (*palavra que no Ceará significa uma perturbação, passar mal, não se sentir bem*) nele e ele sumiu. Nesse ínterim, evoluiu o problema de meu filho e, quando fomos para um médico, já estava um negócio evoluído. Ele só vivia quebrando a perna... E ia encolhendo tudo. Foi um processo demorado, acho que uns três anos. Até hoje ele ainda não está de alta. Ele está com 12 anos, está bem, normal, mas o médico disse: “Ainda não!”. Esporte radical nada! Ele queria até jogar futebol, mas não pode. Porque ele não pode, ele está no computador, com jogos e fazendo o blog dele. Ele tem um blog também.

Caio – Eliomar, você descreveu pra gente uma sucessão de fatos, desde quando você descobriu a doença até quando seu filho se curou, mas eu queria que você dissesse pra gente como você enfrentou a situação.

Eliomar – Eu enfrentei sempre de forma positiva, dizendo que ia dar certo. Porque minha mulher, eu deixava pra ela o choro. Toda consulta do médico, ela chorava, se acabando, e eu tinha de ficar forte. Eu só chorava escondido dela.

Renata – A sua mulher disse que a recuperação do Vinícius foi um marco pra vida de vocês. O que ela significou como crescimento pra vocês?

Eliomar – Um amadurecimento nosso, meu e da minha mulher. A gente conheceu mais as pessoas próximas da gente, a gente viu a solidariedade de muita gente... Soube como

aprender a enfrentar a dor... Você vê seu filho fazer a cirurgia e depois passar três meses com isso aqui (*parte inferior do corpo*) tudo no gesso! Três meses, a criança! Quando era à noite ele reclamava: "Papai, tá coçando isso aqui tudo. Tá ferido!" Nessa época aparecem as pessoas que ajudam, mas a criança passar três meses com tudo cheio de gesso, sem poder mexer nada... É dose!

Eu arranjei TV a cabo pra ele; sempre tinha um colega pra ir brincar com ele, e ele estudando em casa mesmo. Ficava em casa, a mãe dele com ele... E eu não admitia ninguém que chegasse assim: (*Eliomar imita uma debochada voz de clemência*) "Ô, tadinho do seu filho!" Não, eu dizia logo: "Ó, vai pra ali, vai ver meu filho, nada de lamentação! Isso é energia negativa. Tem de ser positivo aqui em casa!" Então pronto, foi pra frente.

Tatiane – E você acredita que por isso o Vinícius é mais tímido que o Vitor?

Eliomar – É mais tímido, mais fechado um pouquinho ele. Muito crítico ele. Muito crítico. Ele olha as pessoas com criticidade, não é toda pessoa que ele chega e se aproxima. Eu creio que pode ter sido uma consequência também disso... Ele é muito crítico com o pai dele também, sabe?

Paulo – No seu blog, você também se coloca como escritor de histórias infantis. Você chegou a mostrar alguma das suas histórias pro seu filho?

Eliomar – Já mostrei, já. Eu falava pra ele... Eu contava as histórias pra ele... Acho que eu influenciei meu filho também, né?

Allan – Mas você ainda escreve, Eliomar, alguma história infantil?

Eliomar – Tá aí que nunca mais eu fiz! Fiz não, nunca mais. Acho que tá com bem um ano que eu não faço...

Allan – Mas a que se deve? Você acha que é falta de inspiração, falta de tempo?

Eliomar – Pode ser também tempo, o cansaço mental... Porque eu começo a trabalhar de madrugada, na coleta (*de informações*), e ao mesmo tempo em que eu estou fazendo coluna, fazendo matéria, eu também tenho de abrir a página do blog pra atualizar. É uma questão minha de responsabilidade. Se eu fiz, tenho de dar a resposta ao meu leitor. Eu estou sempre alimentando o blog, sempre alimentando...

Thaís – E na época da recuperação do Vinícius, como foi pra conciliar o Eliomar jornalista e o Eliomar pai?

Eliomar – Nessa daí... Deu legal, porque eu sempre confiei na minha mulher. Eu tinha de trabalhar e minha mulher deixou de trabalhar nessa época. Só se dedicou a ele durante esse período todinho.

Érico – Eliomar, você falou que na infância escrevia muito porque sonhava muito, era

muito sonhador. Será que hoje...

Eliomar – (*Interrompe*)... Não deixei de sonhar, não! Deixei não. Nunca! Ninguém nunca pode deixar de sonhar... Porque cada vez que a gente sonha, a gente cresce, a gente amadurece e a gente acredita no que a gente pensa. Então, não. Não deixei de sonhar, não.

Caio – Eliomar, por que histórias infantis? Por que se dedicar mais a esse lado infantil?

Eliomar – Porque eu me sinto criança. Eu tenho 47 (*anos*), vou pra 48, eu acho que nunca perdi meu jeito de criança. Se você fosse meu colega desde a época da escola até hoje, as mesmas manias de criança, que eu teria, eu tenho hoje. Se antigamente eu brincava de narrar futebol – e eu não estou podendo narrar futebol –, eu brinco de blog. Eu transfiro. O blog pra mim hoje é um brinquedo responsável. Eu adoro o blog, eu gosto do blog! Nesse ponto aí me realiza e ao mesmo tempo faz com que eu apareça. Eu acho que o jornalista tem de aparecer. A notícia aparece, mas eu acho que o jornalista também tem de aparecer, pra que ele prove também que ele tem estilo. Jornalista tem de ter estilo.

Paulo – Eliomar, esse mesmo espírito de brincar, de sempre estar em evidência continuou na faculdade. Qual era a sua relação com seus colegas? Você chegou a causar ciúme em alguém porque você aparecia?

Eliomar – Não, foi tão boa a época da faculdade aqui. Primeiro porque eu já era um personagem – eu andava de camisa do Flamengo todo dia. Chegou uma época, como vocês souberam (*olha para Tatiane e João, responsáveis pela produção da entrevista*), que tentaram fazer uma cota pra comprar uma roupa pra mim, porque achavam que eu só tinha a camisa do Flamengo. E eu tinha um jogo de camisa do Flamengo, completo, lá em casa (*risos da turma*).

Mas a relação com os colegas (era) muito boa. Primeiro porque você saía do terceiro ano científico completamente diferente. Até politicamente. Tinha uma visão... Não sabe o que vai encontrar na faculdade. E na faculdade você encontra – pelo menos encontrava antigamente – as divergências ideológicas, os grupos divididos ideologicamente. O pessoal do PT (*Partido dos Trabalhadores*); o pessoal do PC do B (*Partido Comunista do Brasil*); o pessoal que não quer nada com ninguém, não quer nada, só porra-louca; o pessoal que é mais metido a conservador. Na minha época tinha muito disso. Tinha a ala do Paulo Mamede (*Coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC*); tinha a ala do PC do B, do (*jornalista*) Donizete (*Arruda*); tinha a ala que era meio liberal, do (*jornalista*) Nerílson (*Moreira*), meio conservadora; e a gente vai se acomodando.

A equipe então se reuniu para formular as questões que faltavam. Enquanto isso, Tatiane estava presa no trânsito e João atravessava o Centro de Humanidades II com cadeiras para todos os entrevistadores.

Ao responder as perguntas, Eliomar alternava-se em mexer no cabelo, puxar a manga esquerda da camisa e mexer os dedos sobre a mesa, como se digitasse cada palavra que pronunciava.

Eliomar entrou no Curso de Comunicação por engano. No dia da inscrição do vestibular, ao invés de marcar Direito, como o pai queria, ele marcou Jornalismo. O vestibular desse ano acabou cancelado por fraude.

Tatiane – Você se enquadrava em qual?

Eliomar – Eu me dava bem com esses grupos todos, sabe? É tanto que na época eu era tido como se fosse da Arena (*Aliança Renovadora Nacional, partido brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação ao governo militar que vigorava no país*) – PDS (*Partido Democrático Social, fundado em 1980 para suceder a Arena*). Eu era tido PDS Jovem. O pessoal dizia: “Ah, você é PDS Jovem, tal e tal.”

Caio – Você se considerava do PDS Jovem?

Eliomar – Não, não... Mas eu andava com a turma do PDS Jovem! (*Risos*). O Mamede queria que eu fosse para o PT, eu acabei indo para o PDT (*Partido Democrático Trabalhista*). Nunca me filiei, mas fiquei na corrente do PDT na época do curso. Eu dizia pra ele que era demais ir pro PT. Não aguentava, não!

Cleisyane – O Paulo Mamede disse, na pré-entrevista, que na época em que você estava na faculdade era o período da redemocratização e que todo mundo participava do movimento contra a ditadura menos você. Por que?

Eliomar – Porque eu tinha medo da polícia. Morria de medo de polícia. Engraçado, meu pai, né, polícia (*o pai de Eliomar foi subdelegado do Coqueirinho durante um certo tempo*) e eu com medo de polícia. Eu não gostava de entrar, não. Eu não entrava duro na briga, não. Morria de medo.

Natália – Mas os colegas não pressionavam?

Eliomar – Pediam, mas eu morria de medo: “Rapaz, vou não. Tenho medo. Vou não.” E quando eu levei um banho de gás lacrimogêneo foi que eu fiquei com medo dobrado.

Tatiane – E como foi isso?

Eliomar – Nós ficamos sentados aqui na Avenida da Universidade num protesto sobre o Restaurante Universitário. Todos ficaram deitados aí nessa avenida e: “Ninguém sai! Todo mundo fica aqui!” Quando jogaram o gás lacrimogêneo, a correria era grande.

Caio – Eliomar, alguns colegas teus falam que tu és mais humorista do que jornalista...

Eliomar – É! É como eu disse a vocês, minha veia meio comediantes - que eu gostava - meio ator, comediantes. É mais esse ponto também.

Caio – E durante a faculdade, você criou o jornal *O Bezerrão*. Quería que você falasse um pouco pra gente.

Eliomar – Jornal *O Bezerrão* era na lousa. Eu chegava uma hora antes e eu escrevia a lousa todinha, fazia tudo. Nós criamos um personagem, o professor Bezerra, que é o colega do esporte, que hoje é do *Diário do Nordeste* (*jornal de maior circulação no Ceará*), Ivan Bezerra. Pesquisava coisas, botava na lousa in-

formações do dia, manchetes de jornais, criei uma parte de fofocas sobre os colegas do nosso curso. Era um jornal todinho na lousa, de ponta a ponta. Eu vinha da Rádio Uirapuru, almoçava no RU e vinha pra cá, aí fazia todinho.

Tatiane – Esses colegas falaram que esse personagem não ficava só no quadro...

Eliomar – Não, não. Virou o personagem do nosso colega Ivan Bezerra. Até hoje ninguém conhece, é professor Bezerra. Ele é repórter lá do esporte do *Diário do Nordeste*. Ele sempre me diz: “Rapaz, não tem jeito. A turma da nossa época só me chama de professor Bezerra.” O professor Bezerra era um intelectual altíssimo, era rico mas se fazia de humilde pra ninguém pedir dinheiro a ele (*risos*). Onde ele (*Ivan Bezerra*) chegava - e ele era um personagem mesmo. Todo assim, de camisa fechadinha, andava com um livrozinho, daquele jeitinho, comportado, com uma valizezinha, e eu andava com ele, era o assessor dele (*risadas*). E sempre que ele ia fazer uma pergunta na classe, ele fazia assim: (*Imita*) “Professor, com licença. Posso fazer uma pergunta?” Ele era muito formal.

Érico – Talvez ele fosse exatamente diferente de ti, né? Por isso que...

Eliomar – Eu era mais gaiato e ele era formal. Por isso que a gente dava certo, eu acho. Contraditórios, talvez... Ou talvez eu me espe- lhava, queria ser formal e não conseguia ser.

Thaís – É verdade que você deixou um trauma no professor Gilmar de Carvalho (*professor aposentado do Curso de Comunicação Social da UFC*) por dormir na aula dele?

Eliomar – Foi. Gilmar de Carvalho tinha passado num concurso recente e ele mesmo dizia que ainda estava aprendendo a ser professor, e como eu acordava de madrugada pra ir pra Uirapuru, dava um soninho. Ia pra aula dele - a primeira aula era dele, logo - e eu dormia. Teve um dia que me deram uma vergonha, me deixaram sozinho dormindo na classe. Saiu todo

“Ninguém nunca pode deixar de sonhar... Porque cada vez que a gente sonha, a gente cresce, a gente amadurece e a gente acredita no que a gente pensa.”

No concurso seguinte, Eliomar tentou Jornalismo novamente. Dessa vez, por vontade própria e consciente de que era o que queria. Passou, gostou e ficou.

mundo e eu lá, dormindo. Quando eu acordei, não tinha ninguém na classe. Eu passei a melhorar, passei a acordar.

João – Eliomar, você falou muito da relação com o Vinícius, de ele ser tímido e tal, mas todo mundo diz que o Vitor é mais parecido com você. O que é que tem do Eliomar...

Eliomar – (Interrompe)... O Vitor parece mais a mãe dele! Assim, o aspecto. E tem muita coisa do meu jeito. Ele é brincalhão, alegre, gosta de conversar muito com as pessoas e, quando ele conversa com você, ele pergunta tudo. Ele é curioso. Sou muito curioso e ele é curioso e meio. Tem essa curiosidade que eu tenho também. Ele é espontâneo, conversa muito com as pessoas, ele pergunta: "Como é teu nome? O que você é? O que você faz? De onde é que você vem?" Faz uma entrevista com você se lhe conhecer. Já o Vinícius é mais introspectivo igual a mãe dele. O Vinícius é (do signo de) Escorpião, igual à mãe dele. Ele avalia, olha o que é que tem, pra depois...

João – E, pensando num contraponto, você disse no começo da entrevista da influência, do que tinha de seu pai em você. E de Dona Nadir? O que tem de mais forte da sua mãe em você?

Eliomar – Eu acho que a disciplina, porque, embora eu pareça ser desorganizado, sou muito organizado no que faço. Até para manter um padrão do que tenho de fazer, eu tenho uma certa disciplina. Isso aqui tem de ser tal hora. É tanto que eu peço à minha mulher que me ajude nessa disciplina, pra poder cumprir com... Eu acordo às 3h 20min da manhã, escovo os dentes, tomo minha água, como minha banana, vou pro aeroporto, fazer a coleta. Chego ao jornal, 6h 15min eu faço gravações pra rádio (Rádio O Povo CBN), 8 horas eu faço gravação pra televisão (TV O Povo). Nesse período eu vou olhando a Vertical (coluna do jornal O Povo) – que eu já tenho olhado o jornal de madrugada, 5 horas – olhando o que é que saiu e o que é que sobrou, olhando se tem alguma matéria pra entregar, pra fazer, e vou começando o blog também.

Caio – Toda essa rotina parece muito cansativa. Como você se adaptou a ela?

Eliomar – Me acostumei porque eu gosto. Eu acho que, quando você gosta do que você faz, você supera até o cansaço, sabe? Às vezes, eu nem me lembro de almoçar: "Rapaz, não vai almoçar, não?" Porque você vai se dedicando a isso e mergulha de cabeça.

Natália – Você trabalha há vinte e três anos no aeroporto. Que amizades e relações você construiu lá? Como você se compara no começo do trabalho no aeroporto e agora?

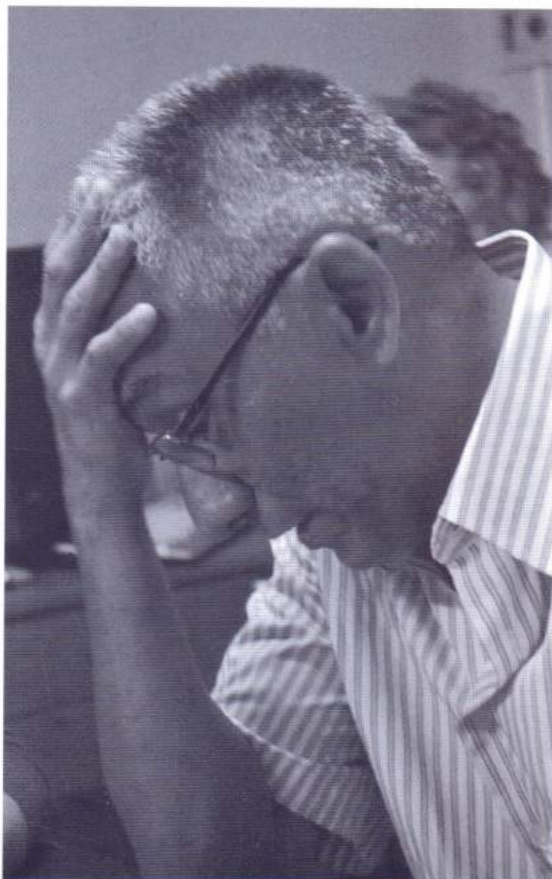
Eliomar – Hoje, estou no Aeroporto Internacional Pinto Martins. O outro era o Terminal Pinto Martins, que era aquele antigo, era me-

nor, uma relação menor. Mudou muito. Em termos de amizade, eu mantenho contato com meus outros colegas de trabalho, um do *Diário do Nordeste* (refere-se ao jornalista José Maria Melo), e um d'O Estado, o Tarcísio (Colares). A minha relação é mais com os dois, até pela questão da convivência. E somos concorrentes. Mas concorrentes que se respeitam. Cada qual faz seu nicho de trabalho. Tem notícia que é de um jeito, que o Zé Maria faz, e outra, que o colega faz de outro. Dá pra trabalhar e respeitar o espaço do outro.

Paulo – Eliomar, você migrou da crônica esportiva para a cobertura política. Foi uma transição complicada?

Eliomar – Acho que não, porque a baixaria em qualquer canto tem. Porque o futebol é um jogo e a política é um jogo também. Acho que a política e o futebol se parecem muito. Tem muito cartola no esporte e muito cacique na política. Tem jogador que é atleta, no esporte, e tem o que finge ser atleta, que é espertalhão. Tem pessoas técnicas na política para trabalhar, e tem técnicos hábeis, ou não, no futebol. Tudo é estratégia. No jornalismo, tudo tem a sua estratégia de cobertura. Fulano de tal pode até não cobrir isso aqui, mas, enquanto for se acostumando, ele começa a aprender a jogada, a malícia, o trabalho naquele nicho que ele está fazendo. A essência que é o jornalismo.

Tatiane – Eliomar, você começou pela coluna Vertical...



O amigo Jeronimo deu a Eliomar o apelido *Gaijin*, que significa estrangeiro, em japonês. Os dois conheceram a palavra através do filme *Chuva Negra* (Black Rain, 1989), de Ridley Scott.

No filme, dois detetives americanos tentam capturar um membro da máfia japonesa, a Yakuza. A perseguição acontece no país nipônico, onde os policiais são chamados de *Gaijin*: "O gringo que chega no Japão", nas palavras de Jeronimo.

Ele conta que, certa vez, Eliomar chegou em sua casa tentando lhe dar o tal apelido. Porém, logo Jerônimo e seus muitos irmãos perceberam que Eliomar era minoria dentro do grupo, era ele o estrangeiro. O jornalista se tornou *Gaijin*.

Eliomar – (*Interrompe*)... Eu nem sei quanto tempo eu tenho de Vertical. Passei um ano e pouco na política e fui pro aeroporto, porque o Zé Maria Melo foi pro *Diário do Nordeste*. Eu fiz uma coluna durante cinco anos e meio, a coluna Aeroporto, que foi extinta. Na extinção, fui fazer a coluna Vertical. A Vertical estava mudando muito de titular. Quando extinguiram a Aeroporto, me recrutaram para a Vertical. Acho que tenho mais de... Bem 18 anos de Vertical.

Tatiane – Apesar de todo esse tempo, você não assina...

Eliomar – (*Interrompe*)... Exato. Foi uma norma do jornal. Porque a *Folha de São Paulo* (*jornal de maior circulação do país*) não assinava.

Tatiane – Você acha que isso influenciou a vontade de criar e querer aparecer no blog?

Eliomar – Influenciou. Como eu não assino coluna, eu tinha de aparecer em algum canto. Então, eu fui pro rádio pra aparecer um pouco, procurei televisão. É aquela história, jornalista tem de aparecer, entendeu? Se tem estilo, aparece. Por que eu vou virar anônimo? Eu não. Não nasci pra ser anônimo.

Caio – Eliomar, você não acha que pode ter o risco de o jornalista aparecer mais que a notícia?

Eliomar – Pode, pode...

Caio – Você se considera um jornalista que aparece mais que a notícia?

Eliomar – Depende da notícia. Depende da entrevista, do entrevistado. Tem entrevistado que você aparece com o entrevistado. Se você entrevistar um *Ciro Gomes* (*deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro – PSB*), você aparece com o entrevistado. Depende do momento. Às vezes, um jornalista, por uma boa matéria que ele faz, consegue arrancar uma boa informação de uma personalidade, ele aparece porque ele conseguiu arrancar. Na

“Porque eu acho que o jornalista às vezes ele também tem que ser ator, até pra escapar de uma fonte péssima, pra escapar de uma entrevista horrorosa, pra driblar uma situação em que você se envolve...”

Os dias úteis da semana são sinônimo de dedicação quase integral de Eliomar ao ofício de jornalista. Para compensar, suas noites e fins de semana pertencem exclusivamente à família. Nem adianta ligar para o celular dele!

época do (*governo de*) Tasso Jereissati (*ex-senador da República pelo PSDB*), eu acho que era um dos poucos jornalistas que conseguia tirar alguma coisa do Tasso. Porque a turma não gostava dele, tinha certas restrições. E eu era dos poucos que conseguiam entrevistar o Tasso, tirar algumas informações, como ele dizer que o *Ciro* seria o candidato, como ele admitir a reeleição dele naquela época, como ele anunciar que o *Ciro Gomes* ia pro Ministério da Fazenda. Essas coisas.

Cleisyane – Você estava falando da época do *Ciro* e do Tasso, e eu lembrei de uma entrevista que você deu falando que o *Ciro* te boicotava, na época em que ele estava no Governo.

Eliomar – Não foi nem comigo, foi uma questão com o jornal. Não vou entrar na questão porque, na época, não informaram. Também não sei o que foi. Foi durante um ano, mais ou menos, que ele não deu entrevista para *O Povo*, por uma briga que ele teve. E ele me evitava no aeroporto. “Não adianta, governador, que eu vou fazer a matéria”. Eu colocava o gravador, ele parava e não falava: “Só falo quando ele sair daqui”. E ele ia embora... Mas foi no cansaço. Não adiantava, porque eu pedia aos colegas a cópia e a gravação. E todas as matérias do *Ciro* saíam n’*O Povo*, não adiantava. Foi no cansaço que ele acabou dando entrevista.

Tatiane – O Paulo Mamede nos contou que de vez em quando liga pra você e os dois discutem. Às vezes, por alguma divergência de conteúdo. Você recebe esse tipo de reclamação com frequência?

Eliomar – Normal, normal. Eu faço questão de ter isso. Eu acho importante. A gente erra. Uma vez, nós discutimos, eu e Mamede, por



causa do ICA (*Instituto de Cultura e Arte, unidade acadêmica da Universidade Federal do Ceará*). Eu coloquei notas contrárias ao ICA, e ele era a favor.

Tatiane – Você também faz isso por causa do seu papel de colunista.

Eliomar – É, exato. É aquela história, você sempre agrada a alguns e não agrada a outros. Isso é normal da profissão da gente. Já estou acostumado. Às vezes, você coloca uma nota tão simplória, sem nenhuma razão de ser, e arranja um inimigo. Mas eu digo sempre: não arranjo inimigos, eu arranjo inimizades. Porque a inimizade você pode superar.

Tatiane – Mas já ocorreu alguma história mais séria?

Eliomar – Teve. Teve uma história com um deputado que, quando dei uma nota na coluna, ficou bravo comigo. O deputado, do PSDB (*Partido da Social Democracia Brasileira*), queria que eu dissesse uma fonte, e eu disse que jamais abriria a fonte. Ele me ameaçou, disse que ia dar umas porradas em mim. E hoje, três anos depois, tá. A gente conversa normal.

Tatiane – Foi daí que surgiu o “Deus te abençoe” (*Eliomar sempre atende aos telefonemas com essa saudação*)?

Eliomar – Não, não. “Deus te abençoe” foi com um juiz que queria me processar. Uma nota que eu coloquei e um juiz não gostou, e você sabe que os assessores fazem a caveira dos jornalistas, né? Eu estava no aeroporto, quando recebi uma ligação. Não sei por que, atendi: “Deus te abençoe, você nasceu pra ser feliz”. A pessoa do outro lado disse: “Estou vendo que você é uma pessoa de Deus. Pois aqui é fulano de tal, eu ia abrir um processo contra você, por causa de uma nota, mas não vou fazer isso.” Até hoje eu adoto isso aí.

Renata – Eu gostaria que você falasse um pouco sobre o blog. Como surgiu a idéia?

Eliomar – Surgiu na mesa de bar. Tinha um amigo meu que me falou: “Eliomar, tá surgindo o blog na imprensa. Tem o blog do Noblat (*Ricardo Noblat, colunista do Jornal O Globo*), que é muito bom e tal. Dá uma olhadinha, eu acho que tu tem perfil pra blog”. Eu comecei a olhar o blog do Noblat: “Rapaz, dá pra fazer isso aí”. Montei o primeiro blog na UOL (*Universo Online, provedor de internet*), uma semana sem postar nada, pensando e avaliando. Demorei uma semana até colocar a primeira notícia. Aí começou o contador (*de visitas*). Fui devagarinho... Em menos de um mês, cheguei a mil visitas. Me empolguei e comecei a me dedicar nisso, a pesquisar outros blogs, melhorar questões do blog.

Natália – Qual foi a maior dificuldade no processo de adaptação do blog?

Eliomar – Eu ficava impressionado com o nível de cobrança que já começava. A interati-

“A notícia aparece, mas eu acho que o jornalista também tem que aparecer, pra que ele prove também que ele tem estilo. Jornalista tem que ter estilo.”

vidade. Porque o blog tem esse detalhe: você está escrevendo para o mundo. Quando eu via onde estava sendo lido, um mês depois, já tinham uns 60 países. Isso é coisa de doido! E fui me dedicando mais. Hoje, tenho quase 200 mil acessos.

Natália – Então, você acha que, com o blog, a responsabilidade aumentou?

Eliomar – Aumentou, porque isso já vem do jornalismo. Tenho a responsabilidade de ser jornalista, então o blog é mais uma ferramenta. Uma ferramenta boa, no sentido de que você tem o direito de errar e corrigir na mesma hora, no mesmo dia, levar porrada na mesma hora. Você (*pode*) mobilizar pautas no mesmo dia, dar agilidade. E tudo sem muita profundidade, porque a profundidade vai pro jornal no outro dia.

Tháís – Na época que você começou o blog existia muito preconceito?

Eliomar – Tinha, tinha preconceito. Até eu mesmo não gosto que me chamem de blogueiro. Isso porque, aqui no Ceará, não tinham muitos blogs usados por jornalistas. Eram mais blogs de família, de amizade, não tinha jornalismo mesmo. Resolvi entrar nisso. Quando comecei, colocava (*notícias*) nacionais e locais. Alguns colegas diziam para eu colocar só sobre o Ceará. Eu não, eu achava importante variar. Não é a aldeia global? Se falo da minha paróquia, falo da minha igreja. E deu certo.

Caio – Quais os critérios você utiliza para publicar as notícias?

Eliomar – O curioso da informação, aquilo que interessa na minha visão, pois quem faz a edição sou eu. Coloco também notícias de serviço. E é interessante porque tem retorno. As pessoas comentam, as pessoas falam, as pessoas esculhambam. Elas gostam de comentar as coisas, de ajudar a informação. Dentro do comentário, tem muita gente que me passa informação. Ou então quando eu erro. Eu errei uma manchete por uma besteira, e a pessoa: “Eliomar tu errou isso aqui, ajeita isso aí”. Você

O irmão de Eliomar que administra o bar Besouro Verde, Wellington, nasceu no mesmo ano que o jornalista – “Ele em Março e eu em Dezembro. Pra você ver que papai é invocado!”.

A veia literária de Eliomar recebeu um reforço com a chegada dos computadores e da internet na redação do jornal *O Povo*. O jornalista criou um arquivo de poesias, boa parte delas dedicadas às colegas de trabalho.

No entanto, todo o arquivo se perdeu. Numa das limpezas das máquinas, o editor à época decidiu que as poesias deveriam ser deletadas "porque eram 'esculhambação'", nas palavras de Eliomar.

cria um elo interessante de responsabilidade sua para com as pessoas. Elas acreditam em você e você vai ganhando credibilidade. Eu acho que eu tenho muitos acessos não é porque eu sou bonito, não. É porque tenho credibilidade.

Caio – De onde você acha que vem toda essa credibilidade?

Eliomar – Eu acho que vem do trabalho de madrugada. Trabalhar, me dedicar àquilo que eu gosto. Primeiro, a gente tem de amar o que faz. Segundo, tem de procurar fazer bem feito. Terceiro, você tem de não ficar se achando o máximo. Quarto, você tem de estar sempre aprimorando, sempre renovando, buscando. Essa história do blog é uma questão minha, mas é uma necessidade do mercado. Mercado está evoluindo, e eu ganhei público com isso. Vocês estão me entrevistando aqui também por conta do blog. Eu passei 18 anos de Vertical é uma coisa. Em 4 anos de blog, meu público foi completamente alterado, dobrou. E, hoje, eu consigo ter minha vida aqui no blog do lado jornal. Antes, eu era do jornal e fazia o blog separado. Por que a direção (*do Jornal O Povo*) se interessou que eu colocasse o blog no portal? É por que eu sou bonito? Não. É porque eu tenho credibilidade assinando e tenho acessos. E acesso, hoje, é dinheiro. *O Povo Online* é o primeiro (*em acessos*) do Ceará, e eu, graças a Deus, dou minha contribuição com meus acessos. Eu tenho meus patrocínios também, que é outra coisa que eu não teria. E ganho um dinheirinho pra me ajudar a sustentar os meninos.

Thaís – Eliomar, o fato de o blog ser ligado atualmente ao *O Povo*...

Eliomar – (*Interrompe*)... Vão logo perguntar: "Você é censurado?" Não, não sou censurado. Mas eu me adapto a algumas situações, que eu também não sou abestado. Se eu estou dentro daquele portal, eu tenho de ter alguma regra. Agora, com a regra eu faço o seguinte: dou uma de doido. Eu primeiro joga a notícia, depois eles vão argumentar: "Pô, Eliomar!

"O segredo é você estar sempre procurando se informar. Eu acho que o antídoto pra informação (errada) é você estar sempre bem informado."

Uma das maiores emoções da vida do jornalista foi quando o padre William B. Kenney, durante uma missa, anunciou o nome dos 27 jovens do Jopa que haviam passado no vestibular. Eliomar, com seus 18 anos de idade, era um deles.

Essa notícia..." E eu falo: "Eu não posso tirar, senão fica feio pra mim". E já é tarde.

Érico – Você acha que, depois que o blog foi incorporado ao *O Povo* oficialmente, você conseguiu manter o estilo, que você considera tão importante?

Eliomar – Em algumas coisas, mantive. Em outras, dei uma de Vertical. Em algumas, eu me controlo. Em outras, fico mais solto. É aquela coisa... Já que estou na sua casa, e foi você que me convidou, tudo bem. É uma parceria, mas eu tenho de respeitar algumas coisas. Mas está dando certo. Tanto que meus acessos aumentaram muito.

Érico – Como você dosa isso? Como você pondera a linha da empresa e a sua?

Eliomar – Eu acho que eu sou uma cria d'*O Povo* praticamente. Então, eu já sei a linha mais ou menos. E, mesmo sabendo a linha, eu sou rebelde: "Pô, Eliomar! Tá dando um trabalho essa notícia! A gente combinou uma coisa!" "Sim, a gente combinou, mas foi semana passada, não foi nessa semana". É nessas horas que eu consigo (*publicar algo não permitido*)... Porque jornalismo é cidadania. Tem momentos que você tem de dar porrada em algumas pessoas.

Tatiane – Essa decisão de publicar uma coisa sem a permissão da empresa tem esse lado da cidadania, do serviço público, mas tem também o interesse de você publicar um furo jornalístico?

Eliomar – Tem, tem isso também. E aquilo de aguçar, de polemizar, de mexer com alguma coisa. Jornalismo tem também de cutucar, de mexer.

João – Essa velocidade em publicar a notícia não compromete a apuração?

Eliomar – Às vezes... Principalmente na área policial. Às vezes, a fonte policial me passa alguma coisa que está com algumas falhas. O blog tem a vantagem de a gente corrigir, antes que aconteça algum estrago.

Renata – O slogan do seu blog é *Informação sem preconceito*. Você acredita que corresponde a ele?

Eliomar – Tem leitor que bate nisso, acredita? Principalmente na época da eleição. Teve um leitor que bateu a lenha porque eu botei (*uma foto do*) Serra (*candidato à Presidência nas eleições de 2010 pelo Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB*) vestido de Tírrica (*humorista cearense, eleito deputado pelo Estado de São Paulo com o maior número de votos nas eleições de 2010*). Mais tarde, eu coloquei uma sátira com a Dilma (*candidata à Presidência nas eleições de 2010 pelo Partido dos Trabalhadores – PT*), lá veio o pessoal do outro lado pra bater também. Eu respondi: "Eu estou procurando fazer isenção na campanha, e vocês (*os leitores do blog*) tão reclamando

de um lado e do outro. Agora, vocês que vão escolher em quem eu vou bater”.

Caio – Eliomar, o que seria informação sem preconceito?

Eliomar – Gostei da pergunta! Eu acho que a informação sem preconceito é aquela que possa ter um teor de serviço, de procurar ajudar a sociedade. Ou então aquela que muitos querem esconder, (*mas*) que é fundamental, que pode fomentar transformação, mudança. Sem preconceito é no sentido de você procurar fazer jornalismo cidadão, um jornalismo que caminhe para a evolução. A gente, jornalista, é cheio de preconceitos. Quando eu coloquei esse slogan, eu tentei superar os meus próprios preconceitos. É um desafio até pra mim, esse slogan.

Renata – Você acha que está conseguindo superar?

Eliomar – Estou trabalhando todos os dias para isso. Meus preconceitos políticos, por exemplo. Fulano de tal que você não gosta, mas tem de falar, tem de divulgar. Às vezes, eu noticio um sujeito que eu sei que é safado, mas, infelizmente, ele representa um setor da sociedade que está ali com ele. É nessas horas que eu tenho de lutar para não ter esses preconceitos.

Thaís – Você trabalha com política e, todos os dias, convive com desigualdade social, corrupção, tudo que você está nos falando agora. Por isso que você leva esse bom humor pra redação, pra amenizar?

Eliomar – Eu tento manter o bom humor, pra não me contaminar tanto. Porque é cada barbaridade que você vê. Um camarada está conversando contigo uma coisa e, quando vai dar entrevista, ele muda completamente de discurso: “Rapaz, não era bem isso que eu queria dizer”. E é. Quando um político diz que não é, (*ênfatisa*) é! Por isso que é importante estar bem informado, pra não ser enganado por um político.

Tatiane – Esse bom humor ajuda na sua relação com as fontes?

Eliomar – Ajuda, porque eu *bato* na própria fonte, às vezes. O cara me diz uma coisa e, no dia seguinte, está tudo o contrário do que ele disse.

Paulo – O seu relacionamento com as fontes mudou muito depois do blog, quando você começou a aparecer de outra forma?

Eliomar – Muda, muda porque aparecem outras fontes interesseiras. Na época de campanha eleitoral, muitas fontes interesseiras: “Eliomarzim, vou mandar uma notícia pra você colocar no seu blog. Bote uma fotinha”. Foto é importante, né? Cearense adora uma foto. É nessa hora que eu digo: o segredo é você estar sempre procurando se informar. Eu acho que o antídoto pra informação (*errada*) é você



estar sempre bem informado.

Paulo – Você falou que jornalista erra e que você mesmo já errou. Nesse momento, surgem as críticas...

Eliomar – (*Interrompe*)... É tão difícil a gente aceitar crítica. Jornalista não gosta de crítica.

Paulo – O que é pior: a crítica do público ou dos próprios jornalistas?

Eliomar – A melhor crítica é a do público porque ela é mais isenta do que a do colega jornalista. Porque tem colega que o elogia à vontade, mas por trás é outra coisa. O nosso meio é muito vaidoso e tem muita panela. É nessas horas que você tem que saber trabalhar.

Cleisyane – Você falou que jornalistas não aceitam bem as críticas. E você, recebe bem as críticas?

Eliomar – Num primeiro momento, eu fico chateado. Depois, vou amadurecendo, pra ver se realmente tem fundamento ou não. Se tiver fundamento, a gente tem de aceitar. Pegue só o que é seu.

Caio – Você falou agora há pouco sobre o slogan *Informação sem preconceito*. Você acha que, nesses quatro anos de blog, você conseguiu realmente publicar informações sem preconceito?

Eliomar – Eu estou tentando. Nunca ninguém consegue chegar lá. Eu acho que jornalismo é evolução, é sempre tentativa. Pra mim, é sempre uma obra inacabada.

Cleisyane – Falando agora sobre ética, você disse uma vez que não...

Após as duas horas e três minutos de conversa com Eliomar, alguns dos entrevistadores foram para um bar, para avaliar e comemorar a entrevista. Na saída do campus, alguém gritou: “Não importa onde! Eu quero beber!”

O clímax das quatro horas de cerveja, batata-frita e calabresa com vinagrete foi o momento em que cada pessoa na mesa contou como havia se preparado para a entrevista no dia anterior. Técnicas bem exóticas foram compartilhadas...

Ainda na mesa de bar, foi o unânime a confissão de que, quando uma das fotógrafas subiu numa cadeira para tirar uma foto do grupo, todos se distraíram e quiseram posar.

Eliomar – (*Interrompe*)... Eu não discuto ética. Eu prefiro discutir cidadania. Tem muita gente que prega ética, mas é só de fachada. Então, eu prefiro não entrar nessa discussão. Você tem de ser você, com seus defeitos, suas virtudes, sua educação doméstica. Tem de ser cidadão, saber se comportar.

Cleisyane – E a ética não engloba tudo isso?

Eliomar – É, mas eu tenho tanta decepção com essas coisas sobre ética em jornalismo, que eu não discuto. O que é ético pra você pode não ser pra sua empresa. É uma questão difícil, polêmica. Você pode trabalhar numa empresa, mas você nunca pode esquecer que você é cidadão. Você pode fazer o jogo, mas você pode também tentar repassar alguma coisa sua nesse jogo. Nesse ponto que você tem que fazer o exercício da cidadania.

Érico – Esse conceito relativo de ética não vale também pra cidadania? Quando se é cidadão?

Eliomar – Quando você procura fazer o bem, respeitar as pessoas. Mesmo você errando, mas errando de uma forma que não é maldosa, você está tentando fazer cidadania. É o princípio da gente, da vida, ser cidadão.

Cleisyane – O que te decepcionou nessa questão da ética?

Eliomar – Não, não é decepção. Particularmente, não sei. Talvez eu esteja até errado. É porque a gente vê, na prática, tanta coisa que se diz ética, mas não é ética. Talvez por eu trabalhar com política, que você acaba se decepcionando sobre o que é ético e o que não é.

Tatiane – Em entrevista à equipe de produção, um colega seu disse que você não seria o jornalista ideal para fazer uma grande reportagem, mas que você seria um contador do cotidiano.

Eliomar – Eu sou mais prático, lido com as informações do cotidiano. Eu sou o do serviço. Lido com a resolução, a informação imediata, com pouca contextualização. Eu sou o repórter de agência de notícias, aquele que é o imediatista, que chega e resolve. Aquele que chega na rádio e dá o *flash* ao vivo, não é gravado. Na televisão, se vou gravar, o texto é na hora. Tudo que eu faço não é escrito, é de cabeça mesmo.

João – Eliomar, a gente falou sobre o blog, sobre o jornal. Eu queria retomar um pouco e falar sobre o seu trabalho na Rádio Uirapuru. Você começou quando estava no 3º semestre...

Eliomar – Foi, eu estava no 3º semestre. Porque eu tinha um professor, Teobaldo Landim (*já falecido*), que dizia: “Menino, vá logo pro mercado de trabalho, que aqui é muito blá blá blá, é muita teoria”... Por incrível que pareça, a primeira noção de jornalismo que tive foi

“Primeiro, a gente tem de amar o que faz. Segundo, tem de procurar fazer bem feito. Terceiro, você tem de não ficar se achando o máximo. Quarto, você tem de estar sempre aprimorando, sempre renovando, buscando.”

no 3º semestre com Teobaldo. Ele já mandava a gente fazer matéria. Foi muito interessante porque, algumas pessoas, ele mandou pro mercado logo: “Vá, rapaz. Você vai aprender muito mais no mercado de trabalho”.

Cleisyane – E você acha que realmente se aprende muito mais no mercado?

Eliomar – Na minha época se aprendia. Muito mais!

Cleisyane – A prática, né?

Eliomar – A prática.

João – Isso porque você não encontrava prática no curso?

Eliomar – O curso tinha muitas deficiências. Só tinha os professores e a vontade. Era uma dificuldade! Hoje, vocês estão numa maravilha... Houve uma enorme campanha, na época, por uma máquina de escrever, para se ter uma ideia.

João – Você falou que sempre teve um interesse muito forte por rádio, desde criança. Por que, apesar disso, você tem dedicado sua carreira ao jornal, ao blog e não tanto ao rádio?

Eliomar – Porque eu não tenho espaço no rádio. O espaço que tenho no rádio são os *flashes* que dou. Tem de ter tempo também pro rádio. Além disso, você não sobrevive muito bem com rádio aqui. Tem de vender comercial, e eu não sou de vender comercial. Deixei o rádio pra ganhar dinheiro porque pagava mal, e ainda paga.

Thaís – Aqui no curso de Jornalismo, a gente aprende que, pra cada meio, há uma forma de o jornalista atuar, seja na linguagem, no modo de se portar. Você atuou em todos esses meios. Na prática, essa diferença realmente existe? E outra coisa, como faz pra se adaptar aos diferentes meios?

Eliomar – Eu acho que a diferença está só no meio que você vai usar. Na essência, o jor-

O clima de descontração não impediu que muitos atritos surgissem até o dia da avaliação. A equipe estava descontente com alguns pontos do material de produção, e mesmo os produtores chegaram a discutir sobre essa e outras questões.

nalismo é o mesmo, a essência da notícia é a mesma. O blog você vê que é uma coisa rápida, ágil, do dia a dia, da interatividade. O jornal é uma coisa do outro dia, uma coisa mais pensada, mais contida. Só muda o meio que você vai usar. Porque você vai trabalhar com o mesmo material: o fato, as pessoas.

Renata – A sua mulher falou que você é viciado em informação, que ela é a sua cocaína. Esse vício pela informação veio com o blog, em que você tem um trabalho mais ativo, ou veio mais do jornalismo mesmo?

Eliomar – Eu acho que é da prática mesmo. Teve um momento da minha vida em que eu trabalhava em rádio, jornal e tevê, noticiando milhões de informações. Tinha de fazer a coluna Vertical, tinha de ter informações pra Rádio e pra TV Cidade (emissora cearense efetivamente criada em 1981 e que, atualmente, está vinculada à Rede Record), além da TVC (TV Ceará. Emissora pública cearense inaugurada em 1974) no fim de semana. Eu tinha de estar sempre antenado pra dar conta disso. Hoje em dia, qualquer coisa que vier eu estou com papel e caneta na mão. Qualquer coisa se transforma numa notícia.

Tatiane – Você já falou como se vê como jornalista, um jornalista cidadão. Mas, quanto à notícia, como você a vê? Ela é uma mercadoria, um serviço?

Eliomar – Ela é serviço e ela é mercadoria, porque a empresa precisa sobreviver. A questão é saber quando ela é mercadoria e quando essa mercadoria vai ser boa ou não. Muitas vezes, a gente recebe uma notícia em forma de mercadoria e nem sabe. Surge muito em época de eleição.

Thaís – Eliomar, você certamente já deve ter recebido convites para sair do jornal.

Eliomar – Vários, muitos... Era pra eu ser assessor lá em Brasília há muitos anos.

Thaís – Por que você permanece no jornal?

Eliomar – Porque eu gosto de jornalismo (risos). Vou dar um exemplo, o do Ciro Sarai-va, grande jornalista. Foi convidado para ser assessor de um órgão federal. Ele não passou quatro meses, disse que ia morrer de tédio... Voltou pro jornalismo. Eu acho que eu morreria de tédio também. Eu não sou burocrata. Eu não paro, não consigo parar, você pode notar. Quem vai pra um setor desses é burocrata.

Thaís – Você passa muito tempo dedicado ao jornalismo. Lá na frente, quando você estiver mais velho, você não acha que vai sentir falta de ter aproveitado mais a cidade, não pela ótica jornalística, mas um cara que anda por aí, que...

Eliomar – (Interrompe)... O futuro ninguém sabe, né? Pode ser, não sei... Eu sei que hoje estou satisfeito, feliz. As pessoas se adaptam aos momentos, por isso que a gente evolui.

João – Eliomar, a entrevista está chegando ao fim. Eu queria fazer uma última pergunta. É uma curiosidade muito grande que eu tenho. Nesses anos de profissão, devem ter saído milhares de notícias, você deve ter noticiado milhares de informações. Eu queria saber se, hoje, você pudesse escolher noticiar alguma coisa, algo que fosse pessoalmente importante para você, o que seria?

Eliomar – (Demora algum tempo pensando na resposta) Ah, eu acho que essa todo mundo queria: o tratamento do câncer. Essa seria a grande notícia, eu acho... Eu sei porque vivi momentos perto daí, e a gente aprende com isso também... Uma outra... Se eu pudesse também, (seria a) do Alzheimer. (Nesse momento, o entrevistado se emociona e chora)... Vocês sabem do meu pai, né? (O pai do Eliomar, Hélio Martins, tem mal de Alzheimer há três anos).



O processo final de edição foi a parte mais complicada. Após alguns atrasos e desencontros, os conflitos entre os produtores chegaram ao auge. Depois de uma boa conversa e com o material pronto, tudo voltou ao normal. A amizade era mais forte.